

O efeito ambiental dos fogos e a estratégia exigível

O estado em que se encontra uma parte importante do território madeirense após o flagelo da última semana (8-12 de Agosto) e os riscos daí decorrentes, com particular realce para o antiteatro funchalense, profundamente degolado pela violência das chamas, justifica uma reflexão profunda sobre estratégias a adotar para que maiores males não se instalem assim que ocorram as primeiras chuvas outonais de maior intensidade.



Para além do quadro visual, chocante, deprimente numa metrópole de grandes pergaminhos em matéria de qualidade paisagística, é de um problema de segurança que estamos falando.

A ideia de recuperação de algumas das áreas afetadas pelo grande incêndio iniciado a 8 de Agosto surge associada ao restabelecimento de condições de segurança nas encostas e da capacidade de monitorização da estabilidade das mesmas, de modo a minorar o mais que previsível erosionamento a que as mesmas se encontrarão expostas. A história evidencia e a pedologia nos ensina que, após grandes incêndios, o solo se apresenta particularmente sensível aos mais diversos tipos de fenómeno erosivo, incluindo desprendimentos em massa capazes de provocarem elevados estragos, direta ou indiretamente, nas zonas a jusante. Além do mais, o solo, último recurso de uma civilização, deve ser salvaguardado a todo o custo, ganhando esta noção particular relevância num território em que o mesmo é escasso e

limitado, quer como fator de produção, quer como substrato físico ao desenvolvimento de atividades humanas.

Para que o solo desempenhe as suas funções enquanto recurso, temos de encará-lo na sua definição pedológica, como um corpo natural da superfície terrestre de natureza dinâmica e evolutiva, resultante da ação conjugada do clima e dos organismos (vegetais e animais) sobre a rocha-mãe, ação essa que é condicionada pelo relevo e se faz sentir ao longo do tempo.

Podemos aqui distinguir (para além dos solos urbanos e infraestruturados, em que os problemas são mais de natureza geotécnica e se encontram já a ser avaliados) dois tipos fundamentais de intervenção potencial: uma destinada a solos armados em socalcos ou com potencialidades agrícolas e outra em zonas de vocação nítida ou predominantemente florestal.



Na primeira situação, a reabilitação do solo e do terreno pode passar efetivamente pela sua (re)conversão à agricultura. Para além do valor cénico incomparável que uma encosta agrícola oferece a qualquer observador, turista ou não, um socalco agrícola é um sistema equilibrado, produtivo, monitorizado, seguro, com vigilância assegurada por quem dele cuida. A pecuária, através do fornecimento de matéria orgânica, pode aqui ser um precioso auxiliar na recuperação do perfil pedogenético, dado que o atual é manifestamente ausente de qualquer tipo de vida, pelo menos na sua camada superficial.

O modo de produção biológico será em princípio o mais adequado, quer pela proteção do solo, quer pela simbiose com a pecuária biológica, que se poderá aqui evidenciar tão apropriada quanto benéfica.

A existência de socalcos desnivelados, ao mesmo tempo que apresenta limitações para a produção extensiva, pode funcionar como um auxiliar no controlo dos animais que encontrarão limites naturais à sua circulação.

Os principais constrangimentos associados a esta ideia de recuperação prendem-se com a existência de água e com a propriedade dos terrenos. A água, pode-se ir buscar à ribeira, bombeando-a, se houver um reservatório a montante onde depositá-la ou sondar a existência de nascentes em que as encostas do Funchal são pródigas. A propriedade dos terrenos poderá ser ultrapassada se o governo assumir a existência para compensações à sua ocupação agrícola, desde que a mesma se verifique por um período de tempo suficientemente vasto.

Já relativamente aos terrenos de encosta onde a agricultura é impensável, torna-se imperioso limpá-los de todo o material ardido que se encontre solto e ameace ruir, analisar as condições do subsolo e criar condições para o restabelecimento de um coberto vegetal tão denso e perene quanto eficiente na sua proteção perante o fenómeno erosivo. Numa ótica de prevenção, obrigatório se torna que as escolhas recaiam sobre coberturas verdes de menor combustibilidade e resilientes ao fogo.

Uma ideia assente é que a melhor proteção dos solos fora das zonas urbanas (e mesmo em algumas áreas no interior destas) será através do revestimento vegetal, havendo inúmeras diferentes possibilidades de intervenção apoiadas nas técnicas de recuperação ambiental e paisagística, devendo as mesmas serem devidamente elencadas, estudadas, avaliada a sua eficácia e aplicadas.

Independentemente das técnicas e materiais a usar (plantações, sementeiras, estacarias, armações e modelações do terreno, sistemas de drenagem, etc.), as quais ultrapassam a abrangência das ideias aqui expostas “ao correr da linha”, o maior desafio que se poderá colocar a quem de algum modo possa contribuir para a recuperação cénica e biológica bem como para a salvaguarda da integridade de pessoas e bens é estabelecer um **plano de intervenção**, imediato mas não precipitado, claro, explícito, objetivo, prático, concreto, abrangente, integrando todos os intervenientes necessários e que no seu conjunto assegure a plena aplicação das medidas mais adequadas e eficientes em cada situação e abarcando a totalidade do território afetado (com áreas prioritárias de intervenção, evidentemente). Deverá ser um plano com diversos horizontes de foco, o atual onde se definam as intervenções imediatas, o de médio prazo, com as ações de monitorização, correção e seguimento, e o de futuro, onde se estabeleça o cenário que se pretende para o território abrangido.

À atual geração exige-se que, com o devido discernimento, adote tão urgente quanto possível em uníssono a estratégia necessária. Se não o fizer, poderá vir a ser criticada e mesmo criminalizada pelos seus descendentes, se entenderem que houve algo de incúria, desleixo, arrogância ou mesmo pretensiosismo no tratamento de um problema ambiental sério, que não se coaduna com tais atitudes, a merecer redobrado carinho e atenção.

